

CONDICIONANTES SOCIOECONÔMICAS PARA O SURGIMENTO DO ADMINISTRADOR DE EMPRESAS

Francisco Carlos Cobaito - fcobaito@ig.com.br
Mestre em Administração Financeira (UNINOVE)

RESUMO: Neste estudo apresentamos uma reflexão histórica sobre os fatores que permitiram a criação da profissão do administrador de empresas, bem como os precursores que condicionaram a disseminação desta nomenclatura. Construímos esta discussão, revisitando textos que apresentam os pensadores do século XIX e início do século XX que foram fundamentais para a formação dos alicerces do processo de industrialização capitalista e a consequente institucionalização do saber e da prática do administrador de empresas. Primeiramente, é na constituição histórica do capitalismo industrial que se observam as condições socioeconômicas iniciais de emergência do administrador, iniciamos pela Revolução Industrial na Europa séculos XVIII e XIX, onde aparecem os elementos primitivos das práticas modernas de gestão e organização do trabalho, avançamos para o final do século XIX com o surgimento de uma segunda onda constituída por um grupo de engenheiros industriais norte-americanos que intensificaram o debate sobre a sistematização de princípios da administração de empresas, como base para amadurecimento das ideias de Taylor e Fayol que no início do século XX consolidaram o pensamento do administrador moderno. Como objetivo este estudo pretende contribuir para a perspectiva histórica no pensamento da administração e refletir sobre a gênese do surgimento do administrador. Na conclusão, apresentamos algumas afirmativas sobre os condicionantes socioeconômicos que permitiram o surgimento do administrador de empresas, e ousamos determinar um período a partir da reflexão que aqui se propôs sobre sua construção histórica.

Palavras-chave: administrador de empresas; capitalismo industrial; condicionantes socioeconômicas.

ABSTRACT: In this study we present a historical reflection on the factors that led to the creation of the profession's business administrator, as well as precursors that have limited the spread of this nomenclature. We built this discussion, revisiting texts that present the thinkers of the nineteenth and early twentieth century who were instrumental in the formation of the foundations of the process of capitalist industrialization and the consequent institutionalization of knowledge and practice of business administrator. First, is the historical constitution of industrial capitalism that are observed socioeconomic conditions initial emergency administrator, initiated by the Industrial Revolution in the eighteenth and nineteenth century Europe, where they appear the primitive elements of modern management practices and work organization, to advance late nineteenth century with the emergence of a second wave formed by a group of industrial engineers Americans intensified the debate on the systematization of principles of business administration as a basis for maturation of Taylor and Fayol ideas that at the beginning of the century XX consolidated the thought of the modern manager. This study aimed to contribute to the historical perspective in thinking of management and reflect on the genesis of the emergence of the administrator. In conclusion, we present some statements about the socioeconomic conditions that

allowed the emergence of the business administrator, and dare we determine a period of reflection from that proposed here on its historical construction.

Keywords: business manager; industrial capitalism; socioeconomic conditions.

1 – INTRODUÇÃO

Primeiramente faz-se necessário conceituar o que é um administrador de empresas, que segundo Chiavenato (2003), o administrador de empresas é a pessoa que aplica técnicas com o intuito de estabelecer metas e operacionalizar o seu alcance pelos colaboradores participantes das organizações a fim de que se obtenham resultados que satisfaçam as necessidades de seus clientes assim como às suas próprias.

Acrescenta Maximiano (2007), a esta definição, que o administrador de empresas é a pessoa responsável pelo planejamento e controle, dos recursos humanos, tecnológicos, financeiros e de produção dentro das organizações, visando garantir a eficiência e eficácia do sistema. Partimos da ideia de que a construção do conceito do administrador de empresas deu-se a partir de uma evolução histórica.

Muitos autores admitem que a história da Administração surgiu á muitos séculos atrás, mais precisamente no ano 4.000 a.C., na Suméria, quando seus antigos governantes procuravam uma maneira para melhorar a solução de seus problemas cotidianos, então surgia a arte e o exercício de administrar.

Porem este estudo considerou como premissa que o exercício de “administrar uma empresa”, só existe em sua plenitude inserido no sistema economico capitalista, particularmente este trabalho sera desenvolvido com as seguintes prerrogativas: 1- A figura do administrador de empresas estiver desvinculada de propriedade do negócio, portanto não estudaremos a figura do empreendedor (Sócio-administrador). 2 – Aplicado à atividade empresarial não artesanal, mais precisamente que aconteça dentro de uma unidade de negócio de produção de bens e ou de serviços significativos, ou em escala. 3 – Apartado de um objeto social unicamente politico.

Para Singer (2001), o capitalismo é um sistema econômico e social baseado na propriedade privada dos meios de produção, e que tem como objetivo primário o lucro dos protagonistas que são os mandatários dos fatores de produção (Capital, Recursos Naturais, Trabalhadores, e Tecnologia), do qual os trabalhadores participam de forma coadjuvante; estes recebem um salário em troca de sua força de trabalho.

Apregoa Dobb (1980), que historicamente o advento da produção no formato do sistema capitalista figura como um evento de consenso como base para a formação da teoria de administração de empresas, principalmente a partir da segunda metade do século dezenove, devido ao aparecimento de uma nova lógica manufatureira nas empresas, uma verdadeira revolução na atividade produtiva, que se refere ao controle direto da produção de mercadorias em prol dos interesses capitalistas, levando ao processo de industrialização.

Ainda para o autor o aparecimento do capitalismo moderno pode ser demarcado no momento da perda do controle da produção pelos produtores diretos, em que os setores produtivos primários foram subordinados a esta nova prática econômica, centrada no interesse de remuneração do capital, neste momento acontece à prevalência do capital mercantil sobre a produção manufaturada, onde os burgueses mercantis dominam a atividade agrícola, extração mineral, e dos artesãos. (DOBB, 1980).

Para Bolano (2002), a subsunção real do trabalho significa que o trabalhador perdeu a sua autonomia e o controle que tinha sobre o processo de produção, cuja estrutura e ritmo passam a ser ditados pela máquina. Esta condensa o conhecimento que o capital extraiu do trabalhador artesanal no período da manufatura e desenvolveu, com o apoio das ciências. Assim, é a máquina que passa a usar o trabalhador - e não mais o contrário - e o capitalismo podem expandir-se, revolucionando o modo de produção.

Neste contexto este trabalho tem como objetivo contribuir para a perspectiva histórica no pensamento da administração e refletir sobre a gênese do surgimento do administrador, elencando um serie de dados socioeconômicos históricos que permitiram tecer algumas conclusões que vão de encontro à base da criação da figura do administrador de empresas conforme a conhecemos nos dias atuais.

A realização deste trabalho é representativa em pelo menos dois sentidos: primeiramente ao discorrer sobre a história da evolução da Administração, minimizando assim um pouco dos problemas da ausência da perspectiva histórica no pensamento acadêmico sobre a Administração, e segundo por procurar um recorte específico desta mesma história que associe a gênese do administrador de empresas, suscitando futuros debates a respeito desta questão.

2 - CONDIÇÕES SOCIOECONOMICAS DA REVOLUÇÃO INDUSTRIAL

De acordo com Rossetti (2002), nos Séculos XV e XVI, especialmente no Reino Unido, mas também em toda a Europa Ocidental, havia a predominância do sistema econômico mercantilista, que representava o acúmulo de metais preciosos em poder do Estado através da exploração de suas colônias, como crença que isto representava o desenvolvimento de uma Nação. Internamente a economia concentrava-se na terra, tendo a atividade agrícola absorvido um número muito grande de mão de obra de outras partes da Europa,

Complementa o autor, que tal conjuntura fez crescer o fluxo de metais preciosos, elevando preços, estimulando a industrialização e fortalecendo a economia em termos monetários, fato que propiciou paralelamente o aparecimento de instituições financeiras e de crédito, surge assim, no Século XVII, o Bank of England, fundado no ano de 1694, evento que fomentou as relações capitalistas e um novo tipo de empreendedor, uma classe que era constituída por empreendedores mercantis.

De acordo com Bernardes (1997), a Revolução Industrial teve início no século XVIII, na Inglaterra, com a mecanização dos sistemas de produção. Enquanto na Idade Média o artesanato era a forma de produzir mais utilizada, na Idade Moderna tudo mudou. A burguesia industrial, ávida por maiores lucros, menores custos e produção acelerada, buscou alternativas para melhorar a produção de mercadorias, como também se pode destacar o crescimento populacional, que trouxe maior demanda de produtos e mercadorias. Para Vizeu (2010),

“Não obstante a existência de máquinas, nas escassas e pequenas unidades fabris, a madeira, a água e o vento eram as fontes de energia conhecidas. A expressão Revolução Industrial é usualmente empregada para assinalar mudanças sociais e econômicas que marcam a transição de um modo de vida centrado em atividades estáveis na agricultura e no comércio, para outro centrado na velocidade das descobertas mecânicas e no emprego de máquinas complexas em amplas instalações fabris, submetendo o campo à cidade. Esse período está compreendido entre as metades dos Séculos XVIII e XIX.”

De acordo com David (1999), foi a Inglaterra o país que saiu na frente no processo de Revolução Industrial do século XVIII. Este fato pode ser explicado por diversos fatores. A Inglaterra possuía grandes reservas de carvão mineral em seu subsolo, ou seja, a principal fonte de energia para movimentar as máquinas e as locomotivas à vapor. Além da fonte de energia, os ingleses possuíam grandes reservas de minério de ferro, a principal matéria-prima utilizada neste período. A mão-de-obra

disponível em abundância, inclusive de outras partes da Europa, também favoreceu a Inglaterra, pois havia uma massa de trabalhadores procurando emprego nas cidades inglesas do século XVIII. A burguesia inglesa tinha capital suficiente para financiar as fábricas, comprar matéria-prima e máquinas e contratar empregados.

Para George Jr. (1986), o século XVIII foi marcado pelo grande salto tecnológico nos transportes e máquinas. As máquinas a vapor, principalmente os gigantes teares, revolucionou o modo de produzir. Se por um lado a máquina substituiu o homem, gerando milhares de desempregados, por outro baixou o preço de mercadorias e acelerou o ritmo de produção.

Complementa o autor que na área de transportes, podemos destacar a invenção das locomotivas a vapor (Maria fumaça) e os trens a vapor. Com estes meios de transportes, foi possível transportar mais mercadorias e pessoas, num tempo mais curto e com custos mais baixos.

Nesta mesma linha adiciona Domingos (1996), que as fábricas do início da Revolução Industrial não apresentavam o melhor dos ambientes de trabalho. As condições das fábricas eram precárias. Eram ambientes com péssima iluminação, abafados e sujos. Os salários recebidos pelos trabalhadores eram muito baixos e chegava-se a empregar o trabalho infantil e feminino. Os empregados chegavam a trabalhar até 18 horas por dia e estavam sujeitos a castigos físicos dos patrões. Fato que propiciou o aparecimento de sindicatos em muitas regiões da Europa, os trabalhadores se organizaram para lutar por melhores condições de trabalho.

Outros aspectos foram destacados por George Jr. (1986), sobre a Revolução Industrial, que tornou os métodos de produção mais eficientes. Os produtos passaram a ser produzidos mais rapidamente, barateando o preço e estimulando o consumo. Por outro lado, aumentou também o número de desempregados. As máquinas foram substituindo, aos poucos, a mão-de-obra humana. A poluição ambiental, o aumento da poluição sonora, o êxodo rural e o crescimento desordenado das cidades também foram consequências nocivas para a sociedade.

Nesta mesma linha, resume Lucas (2002), que é nesse contexto embrionário que surgem os primeiros desafios de gestão em unidades fabris de produção em larga-escala e, também iniciativas que mais tarde motivaram a sistematização do pensamento da Administração. O fato administrativo, tanto nos ramos da mineração e da construção

civil quanto nas primeiras atividades industriais (metalurgia, química e têxtil), estava centrado na tomada de decisão relativa ao recrutamento, seleção e capacitação do trabalhador, à gestão contábil-financeira e à logística de produção, envolvendo a divisão do trabalho, a eficiência, a ordem e o controle.

Tal conteúdo, descartadas as evoluções de nomenclatura, constitui a essência das atribuições do administrador de empresas que hoje atuam nas organizações empresariais modernas.

3 - CONDIÇÕES SOCIOECONÔMICAS NOS ESTADOS UNIDOS (SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX)

De acordo com Ciafardini (1975), como marco inicial nos Estados Unidos, pode-se considerar o fortalecimento da ligação indústria e administrador (não proprietário), uma primeira fase de acumulação de recursos que surge após a guerra civil americana (1865), com a construção de grandes ferrovias, que criou um mercado de ferro e aço nas grandes capitais, este período caracterizou-se pelo crescimento urbano, pela imigração de europeus, fornecendo mão de obra a iniciante indústria, que se caracterizava pela busca da integração vertical, procurando compor desde fontes de matéria prima até a distribuição de seus produtos finais.

De acordo com Lodi (2003), antes de 1850 as empresas não precisavam dos serviços de um administrador, pois eram muito menores do que as indústrias atuais, na maioria das vezes era uma estrutura familiar onde dois ou três homens já eram suficientes para as atividades básicas de uma organização, finanças, administração e operação.

Avançando neste sentido segundo Chandler (1977), que apresenta uma investigação histórica sobre a evolução estrutural de quatro de grandes empresas norte americanas (Du Pont, GM, Standard Oil e Sears.), ademais descreve de maneira pormenorizada as experiências comparativas das 70 maiores corporações daquele país com o objetivo de evidenciar como a estrutura das empresas foi ajustada às suas evoluções estratégicas. Como resultado afirma que nestas organizações a estratégia de seus negócios pautou-se na alocação de recursos determinado pela demanda do mercado. Neste sentido o mercado aparece como principal fator de adaptação da estrutura interna.

Ainda para o autor, é na segunda metade do século XIX com o crescimento exponencial das grandes empresas americanas em novos mercados e novos produtos, que foi dada ênfase para um sistema de administração que garantisse a eficiência, autoridade e comunicação nas novas estruturas divisionais descentralizadas criadas dentro das empresas, cujas pioneiras foram a General Motors e a Du Pont.

Destaca também o autor, que já no final do século XIX alguns grandes empreendedores adotavam em suas empresas uma espécie de integração departamental, controlando desde as matérias primas até a venda de seus produtos ao atacadista ou ao consumidor final. Um exemplo desta situação foi à empresa frigorífica americana Swift, que na época controlava através de seus departamentos funcionais centrais o controle de diversas unidades de campo de frigoríficos, transportes e distribuição.

Dentro deste contexto, acrescenta Morineau (1989), que outros pensadores fora do campo da economia, também tiveram papel importante no desenvolvimento do management, uma das contribuições mais significativas sem dúvida foi a do engenheiro ferroviário Henry V. Poor (1812-1905), que destacou-se como um dos pensadores pioneiros da teoria da administração.

Uma das primeiras reformas pensadas por Poor foi à institucionalização do organograma nas organizações, em sua concepção inicial, ao inverso do que se pratica hoje, porém com a mesma finalidade, Poor concebeu que parecia com um árvore genealógica, contendo o fundador nas raízes, no tronco aparecia os diretores, nos galhos a as chefias de cada unidade, e nos ramos menores e folhas os demais funcionários. O organograma supunha ainda subdivisões e linhas de comando claramente definidas.

Para Poor a ciência da administração esta fundamentada em três princípios, 1 - Organização, concebida como a minuciosa divisão do trabalho desde o presidente até o funcionário mais simples 2 – Comunicação, concebida como o método de prestação de contas (reporting) que permita à empresa a tomada de decisão 3 – Informação, concebida registro de comunicações escritas dos relatórios operacionais compilados e analisados.

Destaca ainda Morineau (1989), que outro aspecto de vanguarda no pensamento de Poor foi à publicação de balanços e informações financeiras, que na época não era prática comum, a partir desta iniciativa de Poor, muitos países por decreto, exigiram

também estes tipos de relatórios tornando o *accountability* não apenas uma qualidade, mas uma exigência de prestação de contas das empresas para a sociedade.

Dentro desta dinâmica, destaca Ciafardini (1975), que já no início do século vinte, a economia passava pelo final da primeira guerra mundial, fase em que muitas empresas passavam por dificuldades, no universo das grandes empresas destacamos a atuação da empresa Du Pont, que muito antes de Taylor, já experimentava formas de administração sistemática, em 1914 um comitê de diretores internos fixou uma política para processos administrativos estabelecendo um conjunto de critérios inovador:

Tal composição continha os seguintes conceitos de: coordenação do esforço para o mercado, relações claramente definidas entre superiores e subordinados, retorno sobre o investimento para avaliar o desempenho de cada unidade, adaptação a mudanças, dentre alguns outros conceitos utilizados até os dias de hoje pelas organizações no mundo dos negócios.

Dentro deste contexto segundo Moricochi e Gonçalves (1994), aparece à Teoria do Desenvolvimento Econômico de Schumpeter, ligada ao empreendedorismo e à 'inovação', em que seriam as próprias empresas que desenvolveriam inovações, alterando o equilíbrio das forças competitivas anteriores, promovendo, assim, o desenvolvimento econômico.

Podemos concluir esta seção destacando algumas afirmações de Horrell (1996), que foi nos Estados Unidos que a sistematização das práticas nacionalizadoras da gestão do trabalho na indústria se desenvolve primeiramente. A preocupação com a sistematização da gestão nos Estados Unidos emerge a partir da necessidade daquele país pela qualificação da mão-de-obra após a drástica expansão industrial nos anos subsequentes à Guerra da Secessão, e se institucionaliza por meio de um movimento específico dentro das associações profissionais de engenharia.

Nos principais países europeus industrializados, a administração sistemática se institucionaliza somente após 1900, de forma similar e acompanhando o movimento norte-americano (HORRELL, 1996).

4 - CONTRIBUIÇÕES PARA O PENSAMENTO ADMINISTRATIVO ADVINDAS DE FAYOL E TAYLOR

Iniciamos com os apontamentos de George Jr. (1986), ao descrever que enquanto Frederick Taylor e outros engenheiros americanos desenvolviam nos Estados Unidos a Administração Científica que representava um conjunto de práticas baseadas no estudo dos tempos e movimentos com o intuito de garantir o melhor custo/benefício aos sistemas produtivos. Por volta de 1916, surgia na França o movimento conhecido como a Teoria Clássica da Administração, enfatizando que o sucesso de uma empresa depende muito mais da habilidade administrativa de seus líderes do que de suas habilidades técnicas, que logo se espalharia pela Europa.

Aponta ainda o autor que as duas escolas, Científica e Clássica, tinham por objetivo maximizar a eficiência da organização, que se tornava questão de sobrevivência, à medida que no início do século XX as empresas expandiam-se, levando a concorrência a níveis desconhecidos até então. A grande diferença entre as duas abordagens é que, enquanto Taylor e seus seguidores colocavam toda a ênfase nas tarefas (ou seja, no trabalho do operário), os devotos da Teoria Clássica da Administração, encabeçado por Fayol, enfocaram a estrutura da organização.

Complementa Domingos (1996), que na Escola da Administração Científica, desenvolvida por Taylor, a preocupação básica era aumentar a produtividade da empresa por meio do aumento de eficiência no nível operacional. Nesse sentido, essa abordagem trata a organização “de baixo para cima” (do operário para supervisor e gerente). Essa análise constituiu a chamada “Organização Racional do Trabalho”.

Ainda para o autor, a Teoria Clássica tinha como preocupação básica aumentar a eficiência da empresa por meio da forma e disposição dos órgãos competentes da organização e das suas inter-relações estruturais. Nesse sentido, essa corrente é inversa à abordagem da Administração Científica: de cima para baixo (da direção aos departamentos) e a sua principal característica é a ênfase na estrutura.

Finaliza Domingos (1996), que partindo da análise do todo organizacional, a Escola Clássica busca a eficiência, a partir do aperfeiçoamento da estrutura da organização, que levaria naturalmente à máxima eficácia de cada uma das suas partes. Taylor enfoca o operário e a sua supervisão, Fayol dá mais importância à chefia em si, bem como aos cargos mais elevados dentro da empresa.

COBAITO FC

Para Maximiano (2007), a abordagem Clássica da Administração tem origem no ambiente econômico da época da segunda Revolução Industrial (1840 a 1900), cujas consequências são sentidas mais fortemente no ambiente industrial ao final da segunda metade do século XIX. O crescimento acelerado e desorganizado das empresas, característica desse período, veio a exigir abordagens estruturadas das questões de administração.

Ainda adiciona o autor, que se tornava imperativo aumentar a eficiência e a competência das organizações, no sentido de obter-se o melhor rendimento possível dos seus recursos e fazer face à concorrência e à competição que se avolumavam entre as empresas.

Ano	Autor	Contribuição
1776	Adam Smith	Aplicação do princípio de especialização aos operários: controle e remuneração.
1800	James Watt/ Mathew Boulton	Padronização de procedimentos operativos. Especificações. Métodos de trabalho, Planejamento, Incentivos de remuneração. Tempo standant. Festas de numeração. Festas de natal. Seguro de vida em grupo para natal. Seguro de vida em grupo para operários.
1810	Robert Owen	Necessidade de práticas de administração de pessoal. Treinamento de operários. Grupos de casas operárias, higienicamente construídas.
1820	James Mill	Análise dos movimentos humanos.
1832	Charles Babbage	Ênfase no método científico. Especialização. Divisão de trabalho. Estudo de tempos e movimentos. Contabilidade de custos. Efeito das diversas cores sobre a fadiga e a eficiência dos operários.
1835	Marshall, Laughlin e outros	Reconhecimento e discussão da importância da função administrativa.
1850	Mill e outros	Amplitude de controle. Unidade de comando. Controle da mão-de-obra e dos materiais. Especialização e divisão do trabalho. Incentivos salariais.
1855	Henry Poor	Princípios de organização, comunicação e informação aplicados às ferrovias.
1856	Daniel McCallum	Uso do organograma para mostrar a estrutura administrativa. Administração sistemática da ferrovia.
1871	W.S.Jevons	Estudo de movimentos. Estudo do efeito de diferentes ferramentas usadas pelo operários. Estudo da fadiga.
1881	Josef Wharton	Estabeleceu os primeiros cursos em nível colegial para o estudo da administração.
1888	Henry Metcalfe Henry Towne	A arte e a ciência da administração. Filosofia administrativa A ciência da Administração.
1891	Frederick halsey	Plano de prêmios no pagamento de salários
1900	Frederick W. Taylor	Administração Científica.
1913	Henry Ford	Introdução da linha de montagem na Indústria Automobilística 1-Emprego de método científico no trabalho 2-Busca pela eficiência máxima (ênfase para produção) 3-Tempos e movimentos, padronização e especialização.

COBAITO FC

		4-Divisão de tarefas, cooperação, treinamento e incentivos monetários
1909	Harrington Emerson	Efficiency as a Basis for Operation and Wage (1909) The Twelve Principles of Efficiency (1912) Princípios da eficiência: ideais ou metas, claramente definidas bom senso, competência, disciplina, justiça, registros confiáveis imediatos e permanentes, programação e controle de produção, padrões e instruções padronizadas, incentivos financeiros de produção.
1925	Henry Fayol	Administração Científica Conceito do homem máquina, mas limitou-se ao nível do trabalho fabril. 1-realizar as tarefas da melhor maneira possível. 2-distribuir, claramente, as responsabilidades. 3-selecionar os empregados mais capazes, sem se apegar ao custo. 4-progredir sempre para não retroagir 5-aumentar sucessivamente a capacidade de produção de cada operário 6-buscar a redução do ciclo da produção 7-reduzir ao mínimo o volume de matéria em curso de transformação.
1932	George Elton Mayo	Escola de Relações Humanas ampliou o enfoque da unidade de homem máquina estendendo para as relações entre pessoas dentro da organização. 1-o trabalho é uma atividade grupal 2-o mundo social do adulto é primariamente padronizado em relação a sua atividade no trabalho.

Quadro 1 – Cronologia das Origens do Pensamento Administrativo.

Fonte: Adaptado de George Junior (1986).

De acordo com Chiavenato (1987), o panorama industrial, no início deste século, tinha todas as características e elementos para poder inspirar uma Ciência da Administração: variedade de empresas, tamanhos diferenciados, problemas de baixo rendimento da maquinaria utilizado, etc. As soluções basearam-se, normalmente, no princípio de especialização e divisão de trabalho, particularmente entre as funções de planejamento e as operacionais, com grande valorização daquelas.

Finaliza o autor afirmando que as teorias propostas por Taylor e Fayol deram ênfase à organização formal e à racionalização dos métodos de trabalho. A organização científica do trabalho trouxe uma abordagem rígida, que considera o homem quase um acessório da máquina. Na organização fayolista, o ser humano é um elemento da estrutura.

5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

A contribuição para o pensamento administrativo, dos primeiros empreendedores, e dos economistas clássicos do século XVIII, não foi certamente muito técnica, específica e duradoura, tendo em vista o que viria a ser descoberto durante o século XIX, mas eles certamente contribuíram para valorizar a administração, seja

porque a mencionaram dando lhes um novo status de um novo campo de conhecimento, seja porque estimularam os pensadores e autores que vieram logo depois.

Afirmar que o aparecimento do administrador de empresas foi devido ao desenvolvimento do capitalismo industrial no Ocidente não revela muito sobre o momento exato de emergência desta nomenclatura profissional do administrador de empresas.

Porem, diante do conteúdo do que foi exposto nas seções anteriores deste estudo, podemos considerar que a condição socioeconômica determinante para o surgimento do administrador de empresas foi o advento da revolução industrial, que representou um crescimento no tamanho das empresas, exigindo o envolvimento de pessoas especializadas em determinados aspectos organizacionais do trabalho, ademais houve a busca dos princípios da administração e organização do trabalho de uma maneira mais eficiente e eficaz que os métodos anteriores de determinação das atividades profissionais.

Desenvolvendo-se paralelamente a esse pensamento, e obviamente relacionado a ele, podemos inferir diante da narrativa histórica apresentada por este estudo que em um primeiro momento, desde os primórdios até a primeira metade do século XIX, os problemas de organização e gestão do trabalho industrial eram resolvidos de forma rudimentar, pelos próprios proprietários envolvidos diretamente neste processo. Um segundo momento que diz respeito à fase em que os procedimentos para a solução dos problemas de gestão na empresa industrial eram deliberadamente planejados por meio de experimentação e pesquisa, ainda que de maneira simples, é que aponta o surgimento do administrador de empresas tenha ocorrido de maneira cardeal no final do século XIX.

Por fim, fica evidente que esta afirmativa sobre o período do surgimento do administrador de empresas, não pode dar uma resposta acabada. No entanto, os objetivos estarão alcançados se a análise aqui desenvolvida contribuir para ampliar o debate.

REFERÊNCIAS

BERNARDES. C. Teoria Geral da Administração: a análise integrada das organizações. São Paulo: Atlas, 1997.

- BOLANO C.R.S. A re-configuração do fator subjetivo na atual reestruturação produtiva **Revista da Sociedade Brasileira de Economia Política**, 2002.
- CHANDLER, A.D. **The visible hand: the managerial revolution in American business**. Cambridge: Harvard University Press. 1977.
- CHIAVENATO, I. **Administração: Teoria, Processo e Prática**. São Paulo: McGraw Hill, 1987.
- CHIAVENATO, I. **Teoria Geral da Administração: Abordagens Prescritivas e Normativas da Administração**. São Paulo: Makron Books, 2003.
- CIAFARDINI, H. Capital, comercio y capitalismo: a propósito del llamado "capitalismo comercial". In : Assadourian, Carlos et alii, **Modos de producción en América Latina**. 3ª ed. Buenos Aires: Cuadernos de Pasado y Presente, 40, 1975.
- DAVID, M. "The Role of Education and Skill in the First Industrial Revolution," in MOKYR, J. ed., **The British Industrial Revolution: An economic perspective**. Boulder, CO: Westview, 1999.
- DOBB, M. **A evolução do capitalismo** (7a ed.). Rio de Janeiro: Zahar. 1980.
- DOMINGOS, R.. **Teoria Geral Da Administração**. São Paulo: ea, 1996.
- GEORGE JR., C. **História da Administração**. São Paulo: Atlas, 1986.
- HORRELL, S. Home Demand and British Industrialization. **Journal of Economic History**, 1996.
- LODI J. B. **História da Administração**, Thomson Pioneira, 2003.
- LUCAS, R. Jr. "The Industrial Revolution: Past and Future," in **Lectures on economic growth**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2002.
- MAXIMIANO, A. C. A. Introdução à Administração. **Revista e Ampliada** São Paulo: Atlas, 2007.
- MORICOCCHI, L.: GONÇALVES, J. S. Teoria do Desenvolvimento Econômico de Schumpeter: Uma Revisão Crítica. **Informações Econômicas**, São Paulo, v.24, n.8, ago. 1994.
- MORINEAU, M. Um grande projeto: civilização material, economia e capitalismo - séculos XV-XVIII. In: LACOSTE, Y. (org.). **Ler Braudel**. São Paulo: Papyrus, 1989.
- ROSSETTI, D. P. **Introdução à Economia**– ATLAS- 2002.
- SINGER, P. Economia solidária versus economia capitalista. **Soc. estado**. [online]. Vol.16, 2001.
- VIZEU, F. (Re) contando a velha história: reflexões sobre a gênese do Management. **Rev. adm. Contemp.**, Curitiba, v. 14, n. 5, Oct. 2010.